



IDH municipal avança em 20 anos; educação ainda é desafio

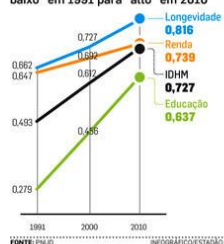
Em 20 anos, o Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios brasileiros (IDHM) avançou 47,8%. De um país dominado por municípios que não chegavam a alcançar um desenvolvimento médio – mais de 80% eram classificados, em 1991, como de índice muito baixo – o Brasil hoje chegou a 1/3 altamente desenvolvido. No entanto, apesar de um avanço de 128%, o índice de educação continua sendo apenas médio. **METROPOLE / PÁGS. A15 e A16**

● Contraste

24 municípios
e a capital de SP têm IDHM muito alto
39 cidades
de SP têm índice baixo em educação

EVOLUÇÃO

● A classificação do Brasil no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) foi de "muito baixo" em 1991 para "alto" em 2010





IDHM avança 47%, mas 'freia' na Educação

Em 20 anos, municípios do País vão de baixo para alto desenvolvimento; Norte e Nordeste, mais pobres, foram os que mais evoluíram

Lisandra Paraguassu | BRASÍLIA

Em 20 anos, o Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios brasileiros (IDHM) avançou 47,8%. De um País dominado por municípios que não conseguiram nem mesmo alcançar um desenvolvimento médio – mais de 80% eram classificados, em 1991, como muito baixo – o Brasil hoje chegou a 1/3 altamente desenvolvido. As boas notícias, no entanto, poderiam ter sido ainda melhores se o País tivesse começado a resolver antes o seu maior gargalo, a Educação. Dos três índices que compõem o IDHM, é esse que puxa a maior parte dos municípios para baixo.

Apesar de um avanço de 128%, o IDHM de Educação continua sendo apenas médio. O avanço é íngreme. O mapa da evolução dos IDHMs mostra que, em 1991, quando o índice foi publicado pela primeira vez, o Brasil não apenas tinha um perfil muito ruim, era também extremamente desigual, com as poucas cidades mais desenvolvidas concentradas totalmente no Sul e Sudeste.

Os dados deste ano mostram que os mais pobres conseguiram avançar mais. Estão nas Regiões Norte e Nordeste as cidades que tiveram o maior crescimento do IDH – como Mateiros (TO), que alcançou 0,607, um IDH médio, mas 0,326 pontos maior do que há 20 anos.

É na Educação que as disparidades mostram sua força. Apenas cinco cidades alcançaram um IDHM acima de 0,800, muito alto, em Educação. Nenhum dos Estados chegou lá. Os melhores, Distrito Federal e São Paulo, foram classificados como Alto IDHM. Mais de 90% dos municípios do Norte e Nordeste têm índices baixos ou muito baixos, enquanto no Sul e Sudeste mais da metade das cidades têm números nas faixas média e alta.

A comparação entre Águas de



No fim do ranking. Melgaço, no Pará: piores índices geral e em Educação do País

Águas de S. Pedro, a melhor, só tem duas escolas

● Sem zona rural nem indústrias e com uma população de 2,7 mil habitantes, a pequena estância hidromineral de Águas de São Pedro, no interior de São Paulo, tem o melhor IDH de Educação. "Não há crianças fora da escola na cidade. Pelo contrário, atendemos também estudantes da cidade vizinha, São Pedro", comenta o secretário municipal de Educação e Cultura, Silvio Corrente.

Com apenas duas escolas, uma municipal e uma estadual, a rede pública dá conta dos 995

alunos matriculados. Desses, 795 são do ensino infantil. "Temos aqui um embrião do ensino continuado, que é o Projeto Girasol, que mantém parte dos alunos nos dois períodos na escola", diz o secretário. Bancado pelo município, que vive do turismo, metade dos alunos da cidade permanece na escola para aulas de reforço, música, esporte e atendimento profissional, como fonoaudiólogo e psicólogo. "Minha filha sempre gostou de ir para a escola. Hoje, são 27 alunos na classe dela e ela só não fica mais no tempo integral porque agora está no 7º ano", diz a funcionária pública Célia Delitti, de 42 anos, mãe de Gabrielle, de 12.

Segundo o IDHM (nota 0,825),

São Pedro (SP), a cidade com melhor IDHM de Educação do País, e Melgaço (PA), com o pior IDHM, tanto geral quanto em Educação, é um exemplo

dos extremos do País. Em Melgaço, a 290 quilômetros de Belém, chega-se apenas de helicóptero ou barco, em uma viagem que pode durar 8 horas.

a população de 5 e 6 anos tem acesso universal à escola em Águas de São Pedro e 75% dos jovens entre 18 e 20 anos têm o ensino médio completo. "A creche do meu sobrinho ficou aberta agora nas férias de julho. Ele podia toda tarde para ir brincar com os coleguinhas", diz a servidora municipal Maria Oliveira.

Com orçamento de R\$ 16 milhões, Águas de São Pedro investe 28% em Educação – pela Constituição, as prefeituras são obrigadas a investir pelo menos 25% da receita. "Temos 80 professores e não tenho dúvidas de que o investimento em qualificação e o treinamento fazem das escolas um exemplo", disse o secretário Silvio Corrente. RICARDO BRANDT

Dos seus 24 mil habitantes, apenas 12,3% dos adultos têm o ensino fundamental completo. Entre crianças de 5 e 6 anos, 59% estão na escola, mas só 5%

PARA ENTENDER

Avaliação ficou mais rígida

O Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios (IDHM) de 2013, feito com base nos dados do Censo de 2010, tornou mais rígida a avaliação das cidades brasileiras na área de Educação. Depois de 20 anos, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) avaliou que já não bastava mais ao Brasil ter adultos apenas alfabetizados e colocar as crianças na escola. É preciso avaliar a formação e o fluxo escolar.

O IDHM Educação passou a cobrar a proporção de brasileiros que completaram o ensino fundamental e o percentual de crianças e jovens na

escola em diversas faixas etárias, dos 5 aos 20 anos.

Os três indicadores usados pelo IDHM – Educação, Saúde e Renda – são os mesmos do IDH Global, divulgado todos os anos pelo Pnud. Nos dois últimos, o critério para formar o indicador também é o mesmo: expectativa de vida ao nascer e renda per capita. Em Educação, no entanto, o indicador global também é diferente. Os números mundiais usam uma composição da média de anos de estudo da população com mais de 25 anos e os anos esperados de estudo. Não é possível, por isso, comparar dados do Brasil com outros países. "São medidas diferentes", explicou Daniela Pinto, coordenadora do Atlas pelo Pnud.

dos jovens de 18 a 20 anos completaram o ensino médio.

Águas de São Pedro, a 187 quilômetros da capital paulista, tem 100% das crianças na escola e 75% dos jovens terminaram o ensino médio. Em 1991, mesmo considerando os critérios educacionais mais rígidos do IDHM atuais, o município já era o 12.º melhor do País. Melgaço, era o 97.º pior, o que mostra que melhorou menos do que poderia.

A Educação é onde os municípios brasileiros estão mais longe de alcançar o IDH absoluto, 1. Os números mostram que o País melhorou mais no fluxo escolar – mais crianças estão na escola e na idade correta –, mas mantém um estoque alto de adultos com escolaridade baixa e, mais grave, parece ainda estar criando jovens sem estudo.

Apopulação de crianças de 5 e 6 anos que frequentam a escola atinge mais de 90%. Entre os jovens de 15 a 17 anos, apenas 57% completaram o ensino fundamental. Entre 18 e 20, 41% com-

pletaram o ensino médio. Em 15% das cidades brasileiras menos de 20% da população terminou o ensino fundamental.

Análises. "O que pesa mais é o estoque de pessoas com pouca formação na população adulta. Se você olhar com atenção, verá que nas pontas, acima dos 15 anos, os indicadores já não são tão bons quanto nos anos iniciais", disse Maria Luiza Marques, coordenadora do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil pela Fundação João Pinheiro, uma das entidades organizadoras.

O presidente do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), Marcelo Néri, considera o avanço na Educação "muito interessante". "A Educação é a mãe de todas as políticas, mas é difícil de mudar, porque tem uma herança muito grande para resolver. A Educação é a base de tudo e hoje está no topo das prioridades. Mudou a cabeça dos brasileiros."

Entre os melhores lugares do Brasil, renda não é determinante

Por Regiões, destaque é para Palmas, Brasília, Fernando de Noronha, Florianópolis e São Caetano

BRASÍLIA

A característica que une as cinco cidades do País é a falta de renda, a economia quase sem saída e a educação em níveis muito baixos. Entre elas, o IDHM Educação mais alto, de Assunção do Piauí, é de só 0,382, muito longe do limite para ser considerado baixo. Na outra ponta, as melhores cidades

do País nem sempre têm rendas tão altas – Assis, em São Paulo, tem renda per capita de apenas R\$ 967 – mas, ainda assim, têm uma economia muito mais dinâmica e oferece serviços sociais muito melhores.

Todas elas estão nas Regiões Sul e Sudeste e incluem seis capitais. Apesar das dificuldades apontadas especialmente nas redes escolares e de saúde de grandes capitais como São Paulo, Porto Alegre e Vitória, a estrutura já estabelecida, o orçamento alto e os recursos que circulam dão a essas cidades uma capacidade muito maior de resolver os problemas dessa população.

Por região. Com mais de 180 indicadores para os mais de 5.500 municípios do País, a atual edição do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil também permite uma análise das cidades mais bem colocadas por região. A capital de Tocantins, Palmas, por exemplo, atingiu IDHM de 0,788 e lidera o desenvolvimento humano na Região Norte. No Nordeste, Fernando de Noronha (IDHM de 0,788) é o mais bem colocado, enquanto que a maranhense Fernando Falcão (0,443) ocupa o outro lado da tabela. O ranking no Centro-Oeste é encabeçado por Brasília, com IDHM 0,824, enquanto que a pior pon-



Mercadante. Para ele, até a pior do País evoluiu muito

tuação fica com Japorá (MS), com IDHM 0,526.

Os municípios das regiões Sul e Sudeste com maior índice de desenvolvimento são Florianópolis (0,847) e São Caetano do Sul, respectivamente. A outra ponta da tabela é ocupada, nas duas regiões, pela paranaense Dour Ulysses (0,546) e pe-

la mineira São João das Missões (0,529). A cidade que mais avançou no IDHM nos últimos 10 anos foi Mateiros, no Tocantins. Desde 2000, Mateiros conseguiu avanço de 0,326 pontos no indicador, indo de 0,281 para 0,607 pontos. J.L.P., RAFAEL MORAES MOURA e RAFAEL DELLA COLETTA

Para ministro, Educação ainda impressiona

Frete aos dados, um dos auxiliares mais próximos da presidente Dilma Rousseff, o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, comentou nesta segunda-feira que "Educação é o componente que mais avançou no Brasil nesse período, tanto em termos absolutos quanto relativos". "Na Educação, a grande contribuição foi o fluxo escolar de crianças e jovens. Particularmente de um patamar muito baixo, mas tivemos grande evolução, o que é impressionante."

O subíndice Educação, uma das variáveis que compõem o IDHM, é o que mais puxa para baixo o desempenho do País. Em 2010, a Educação teve uma pontuação de 0,637, enquanto que os subíndices Renda (0,739) e Longevidade (0,816) alcançaram níveis maiores.

Ao comentar Melgaço, no Pará, com o pior IDHM no País, o ministro disse que é preciso observar de onde essa cidade partiu e a velocidade com que está evoluindo. "Até o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) eu fui olhar. Em 2008, eram só 88 jovens (inscritos no Enem). Hoje, são 527." J.R.M.M. e R.D.C.

* **ANÁLISE:** José Roberto de Toledo e Amanda Rossi

IDHM do Norte e Nordeste sustenta popularidade de Dilma

O mapa do crescimento do IDH municipal entre 2000 e 2010 mostra que a população do Nordeste e Norte se desenvolveu mais rapidamente e conseguiu estreitar a enorme distância econômica, educacional e de longevidade que a separa do resto do País. Os moradores de suas cidades somaram mais anos de vida, tempo passado na escola e reais na sua renda do que os do Sul/Sudeste.

Na média, o Índice de Desenvolvimento Humano dos municípios do Norte/Nordeste cresceu 41% na década passada, contra um crescimento médio de 19% dos municípios do Sul/Sudeste. Ou seja, avançaram duas vezes mais rápido. Isso é natural quando se parte de uma base menor. Mas, na década anterior, a diferen-

ça entre o IDHM mais alto e o mais baixo cresceu em vez de cair.

Das três dimensões do IDH, a maior diminuição de desigualdade não aconteceu na renda – como se poderia imaginar pela universalização de programas como o Bolsa Família. O encurtamento de distância mais significativo entre a base e o topo da pirâmide foi em longevidade. Isso se deveu à diminuição da mortalidade de infantil e na infância, e à transformação da estrutura demográfica do País resultante, entre outros motivos, da redução do número de filhos por mulher. Houve também, nessa década de 2000 a 2010, avanços significativos na escolarização dos jovens do Norte e Nordeste.

Não por acaso, foi no Norte/Nordeste que Dilma Rousseff alcançou maior sucesso eleitoral em 2010. Os mesmos municípios que tiveram os maiores ganhos proporcionais de anos de vida, de renda e acesso à escola foram aqueles onde ela recebeu a maior fatia de votos. É nesses que Dilma sustenta a popularidade que lhe resta.

No conjunto do Brasil, a presidente tem uma taxa de avaliação positiva igual à taxa negativa: 31%. Parece um jogo de soma zero, mas o saldo nulo oculta uma grande diferença regional. No Nordeste, Dilma tem saldo positivo de 21 pontos em sua popularidade. No Sudeste, é negativo em 14 pontos.

Consideradas as diferenças de tamanho das populações das duas regiões, o resultado é que o saldo negativo do Sudeste é exatamente igual ao saldo positivo de Dilma no Nordeste. Um anula o outro. A mesma coisa acontece com a diferença de avaliação da presidente no Sul (-4 pontos) e no conjunto das Regiões Norte/Centro-Oeste, onde é positiva em 9 pontos.

A questão é se o atual modelo econômico dará conta de sustentar os avanços de desenvolvimento humano obtidos na década passada, principalmente nas regiões mais carentes, e se conseguirá replicá-los nos próximos dez anos. Isso depende do futuro do Norte/Nordeste e, por tabela, a reeleição de Dilma Rousseff.

● **Por Estados**

Na comparação entre unidades da Federação, o IDHM é liderado pelo Distrito Federal, com 0,824. Em seguida, vêm São Paulo (0,783) e Santa Catarina (0,774). Os Estados com o desempenho mais fraco são Alagoas (0,631) e Maranhão (0,639).



RETRATOS DO BRASIL. Um raio X da vida nas cidades

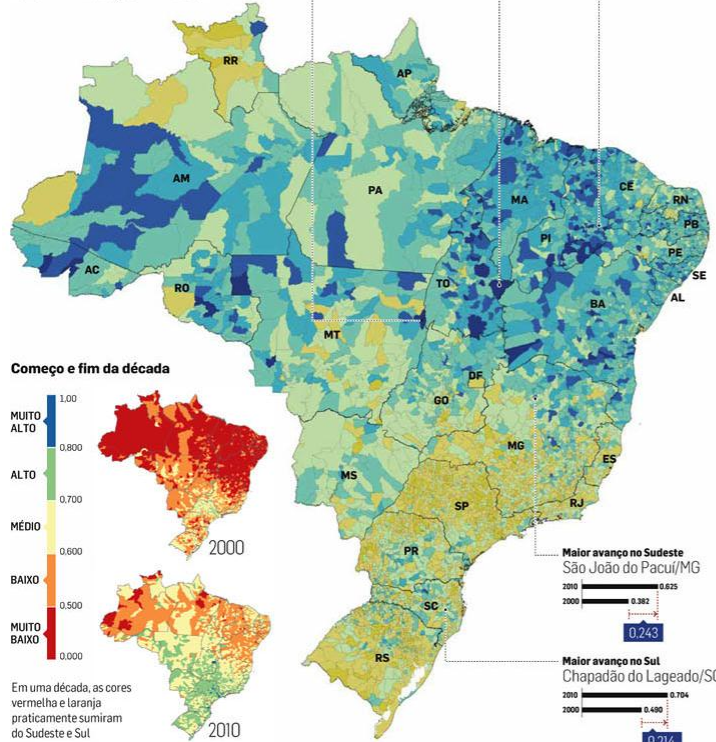
Todos os municípios paulistas têm índice pelo menos médio de desenvolvimento, na página A17

DESENVOLVIMENTO HUMANO

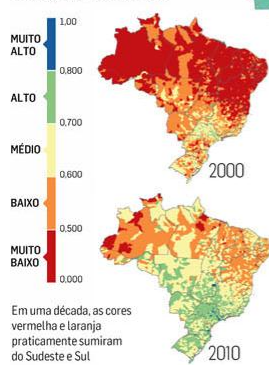
AVANÇO DO NORTE E NORDESTE

Crescimento geral do índice entre 2000 e 2010 foi mais forte no Norte e Nordeste

Menor Variação Maior



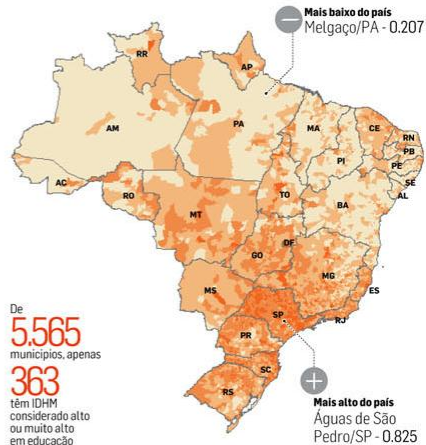
Começo e fim da década



Em uma década, as cores vermelha e laranja praticamente sumiram do Sudeste e Sul

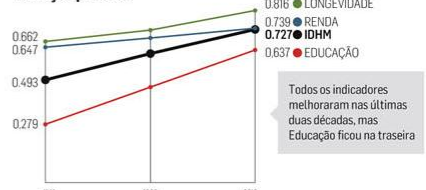
EDUCAÇÃO ATRAZA ÍNDICE

Todas as categorias tiveram melhora, mas ainda há focos de índice baixo e muito baixo na Educação



De 5.565 municípios, apenas 363 têm IDHM considerado alto ou muito alto em educação

Evolução por área



Todos os indicadores melhoraram nas últimas duas décadas, mas Educação ficou na traseira

De olho no futuro

NO TOPO, S. CAETANO AINDA QUER MAIS

Município com maior IDH do País pela terceira vez se desafia a melhorar índice conquistado

Tiago Dantas

Pela terceira vez consecutiva, o município de São Caetano do Sul, no ABC, apresentou o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do País, com uma taxa de 0,862. Dados divulgados ontem pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) mostram que a cidade tem, ainda, a mais elevada renda per capita, R\$ 2.043,74, e uma das 21 maiores taxas de longevidade do Brasil – 78,2 anos.

Com um território de 15 km², praticamente em vez menor do que a área ocupada pela capital paulista, São Caetano tem 149.263 habitantes, segundo o Censo de 2010 feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desde sua emancipação, em 1948, a cidade nunca teve favelas. Atualmente, de acordo com a prefeitura, todas as casas têm água encanada e 100% do esgoto é coletado e tratado.

Embora tenha se mantido

no topo do ranking de IDH nas últimas três décadas, São Caetano experimentou um crescimento menor no mais recente intervalo da pesquisa. Enquanto o IDH subiu 17% de 1991 (0,697) para 2000 (0,820), o aumento nos últimos dez anos foi de 5,1%, conforme mostram os números divulgados ontem. O desafio da prefeitura é fazer as taxas crescerem mais.

“Acho que, em primeiro lugar, a administração tem de se preocupar em investir na educação. Se a educação é boa, o resto é consequência: a renda per capita vai aumentar e a longevidade será maior. Além disso, um povo bem educado sabe reclamar e reivindicar, ou seja, vai fazer a cidade melhorar cada vez mais”, disse o prefeito Paulo Pinheiro (PMDB), que foi vereador por quatro mandatos.

O tamanho reduzido da cidade, a arrecadação com tributos de grandes empresas instaladas no município, como a General Motors e as Casas Bahia, e investimentos em educação (as escolas estaduais de ensino fundamental foram municipalizadas



Idosos. São Caetano tem quatro centros de lazer e saúde voltados para a terceira idade

Melgaço, no Pará, tem piores IDH e Educação do País

Com cerca de 25 mil habitantes, o município de Melgaço, na Ilha do Marajó, no Pará, lidera a lista de pior Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil (IDH). E a cidade tem a pior Educação do País.

Dados do IDH mostram que a renda per capita é de R\$ 135,21 e que apenas 12,34% dos habitan-

tes com mais de 18 anos têm o ensino fundamental. A cidade tem 58 escolas – 57 públicas.

O prefeito Adiel Moura (PP) diz que ficou surpreso com os índices. Ele afirma que são muitas dificuldades, como recursos insuficientes. Dos R\$ 17 milhões recebidos do Fundeb, 70,44% vão para a folha de pagamento. “Recebo R\$ 90 mil, mas gasto mais de R\$ 400 mil com transporte”, diz.

De acordo com Ítala Maria Barbosa, diretora de Ensino, o resultado do IDH reflete problemas geográficos, já que 55 escolas

ficam na área rural, onde o acesso chega a levar 15h. Uma das escolas, a São João, fica perto do Amapá. “É muito difícil conseguir levar as crianças para a escola. Elas não têm transporte.”

Para um professor da educação básica, que prefere não revelar sua identidade por medo de represálias, as escolas não têm a mínima estrutura. “As escolas não têm energia elétrica e esgoto. Ou seja, essas escolas nem chegam a funcionar”, conta.

YÁSKARA CAVALCANTE, ESPECIAL PARA O ESTADO

de até ser diagnosticado com Alzheimer, quando passou, então, a receber visitas em casa dos agentes de saúde. Os remédios para tratamento da doença são entregues de graça. Como adotou uma criança carente, Sandra é isenta da cobrança do Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU) até que a filha complete 18 anos.

Aluna da escola municipal Professora Alcina Dantas Felício, a estudante Ariane Baldino, de 17 anos, diz que tem acesso a uma grade comparável de colégios particulares. Entre outras coisas, ela pode participar de videoconferências com estudantes de outros países para estudar inglês e espanhol e de um projeto educacional com apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Idosos. Com uma população idosa representativa, São Caetano tem quatro centros para a terceira idade. No maior deles, o José Nicolau Braidão, 2,7 mil idosos jogam baralho, dominó, sinuca e fazem tricô, além de ter aulas de dança, natação e pintura. O centro oferece atendimento médico gratuito e organizado, semanalmente, bailes.

O aposentado Francisco Stopa, de 66 anos, passa a maior parte do dia no clube. “Isso aqui fica lotado. É a minha segunda casa, e essas pessoas são minha família.” Também aposentado, Antônio Piguin, de 79, faz um alerta sobre o crescimento da cidade: “Não tem lugar melhor para se viver. Não penso em sair daqui, mas São Caetano não comporta muito mais gente. Andaram fazendo muito prédio, e isso não é bom”.

ao longo dos últimos anos) são apontados como alguns dos fatores que explicam o alto índice de desenvolvimento. Para alguns moradores, a renda per capita alta tem a ver com o fato de que quase 30% da população viaja para a capital ou outras cidades da Região Metropolitana pa-

ra trabalhar, em busca de salários mais altos.

Orgulho. A maior parte dos habitantes, no entanto, mora e trabalha no município. A professora Sandra Regina Carniel, de 48 anos, dá aulas na mesma escola em que estudou. “Tudo o que

preciso posso fazer a poucos quilômetros da minha casa. Sou nascida e criada em São Caetano, e tenho muito orgulho.”

Além de dar aulas de inglês em um colégio municipal, Sandra usa vários serviços oferecidos pela prefeitura. O pai frequentava o clube da terceira idade